



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7161 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Por uma educação superadora do machismo, sob a mediação da literatura  
 Aurea de Carvalho Costa - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE  
 MESQUITA FILHO  
 Jaqueline Moreira Ferraz de Lima - UNESP - CAMPUS RIO CLARO

**Por uma educação superadora do machismo, sob a mediação da literatura.**

Apresentamos resultados parciais da pesquisa que partiu do problema sobre se a literatura para crianças do PNAIC se constitui em mediadora para debater a opressão e a exploração feminina, auxiliando o combate ao machismo desde a escolarização. A hipótese é que, além da função didática e ideológica, a literatura pode contribuir para a formação humana emancipadora (MORTATTI, 2014). O objetivo foi identificar as profissões femininas, as múltiplas jornadas, a divisão sexual do trabalho e participação da mulher no provimento familiar.

Neste texto analisamos o conteúdo de três de livros dos acervos do PNAIC (BRASIL, 2017) para o terceiro ano do ensino fundamental: João e o pé de Feijão; Nossa rua tem um problema; As mil e uma histórias de Manoela, sob o referencial da filosofia da práxis.

O conto João Pé de feijão na versão em cordel (Viana, 2017) difunde o cordel como manifestação literária “[...] rudimentar e advinda de práticas populares e folclóricas, que servem como instrumento de comunicação no âmbito da sociedade nordestina [...]” (JAHN, 2011, p. 117).

As personagens humanas femininas são a mãe, a esposa de João e a esposa do gigante, sem nomes próprios. Tal como nas versões de 1807 e 1890, é a história de um trabalhador pobre em luta pela distribuição da riqueza, remetendo-nos à situação revolucionária do século XIX. João, representando os oprimidos, rouba o gigante para restituir a herança de seu avô, assumindo essa luta, cuja herdeira é a mãe. A ganância é atribuída aos personagens masculinos como uma exacerbação do empreendedorismo. A mãe de João participa do provimento da família produzindo os gêneros para venda na cidade e orientando-o sobre a venda da vaca. Os homens circulam entre a vida pública e a privada e as mulheres se apresentam reclusas ao âmbito doméstico, cuja abordagem é idealizada e ideologizada, pois desde a Revolução Industrial, em que a classe trabalhadora se torna cada vez mais dependente da vida urbana, as mulheres vendem a força de trabalho, além das jornadas de trabalho doméstico. A ambientação é rural, onde o trabalho produtivo e a reprodução da vida doméstica se confundem e a exploração do trabalho feminino se dá independentemente da classe. No universo maravilhoso a fada, a galinha dos ovos de ouro e a rabeça mágica, portadoras de soluções para a pobreza e no núcleo familiar de João, monoparental e pobre, a exploração da vaca é o meio de subsistência.

A alimentação e a proteção provida pelas mulheres, são apresentadas como virtuosas, ratificando-as nutrizes e/ou protetoras submissas. Assim, tal caracterização concentra atributos que podem levar leitoras/es a construir uma imagem feminina congruente com visões sexistas e hierarquizadas.

Analisamos a edição de 2017, adaptada, do livro *Nossa rua tem um problema* (AZEVEDO, 1986). Ele foi escrito na forma de dois diários, um iniciado após a capa e outro, de trás para frente, após a contracapa e consiste em relatos de sete dias não sequenciais, concomitantes: um narrado pela Clarabel e outro, por Zuza, moradores da mesma rua. O autor preservou a linguagem infantil e infanto-juvenil, em primeira pessoa. As diferenças e antagonismos nos conteúdos vão diminuindo até o fim das narrativas e no meio do livro, Clarabel e Zuza trocam seus diários. Silvestre (2009) aponta que essa de diminuição das diferenças supõe que o autor pretendia propor o debate sobre a superação dos sexismos.

Identificou-se 11 figuras femininas humanas, além da tartaruga mimosa, da boneca Tati e de Nossa Senhora. A única profissão exercida por mulher no texto é a da empregada doméstica, no diário de Clarabel, cuja atividade é associada ao universo feminino. Na brincadeira de faz-de-conta entre Clarabel e Adriana, a criança-patroã não faz nada e ordena tarefas à criança-empregada. Quando ocorre a troca de papéis, a criança patroã se irrita e demite a criança-empregada. Identifica-se uma situação de reprodução de relações opressivas entre mulheres, revelando que as crianças absorvem as opressões que testemunham e, se não forem questionadas, podem apreender tais relações como naturais. Para Silvestre (2009, p. 3) a inserção foi intencional, pois “A narrativa trabalha as diferenças individuais e sociais, quando a tendência é generalizar, simplificar e estereotipar os seres, pensamentos e atitudes. A construção literária não omite problemas e diferenças comuns da vida contemporânea”. O livro traz uma ilustração da personagem trabalhadora doméstica dona Maria da Luz, no diário de Clarabel em que se apresenta uma mulher adulta, na cozinha, com avental e um prato na mão, que pode ter a intenção pedagógica de estimular o debate sobre o trabalho doméstico. A riqueza do livro consiste na forma enfática como se apresentam elementos socialmente considerados como distintivos entre homens e mulheres. As outras figuras femininas aparecem em atividades cuidadoras: a mãe de Clarabel, em relação aos filhos; Adriana e Clarabel, na brincadeira com boneca e tartaruga; Dona Odete, em com seus “*pets*”. As figuras masculinas são todas humanas e em atividades profissionais: polícia, professor de piano, artista, jardineiro, guarda noturno, entregador de pizza e comerciante.

As mil e uma histórias de Manoela (MALUF, 2013) se desenvolve em linguagem textual, mas as ilustrações complementam as informações sobre a história. Manuela tem sete anos e iniciou a aventura pelos livros na biblioteca do avô e na escola. A palavra ler foi substituída por devorar e comer, numa analogia entre os prazeres de ler e de se nutrir. A protagonista está sob os cuidados do avô - homem. Na história mencionou-se os títulos das obras lidas pela protagonista: *As renações de Narizinho* e *Alice no país das maravilhas*. Esses livros também têm protagonistas femininas. É um livro sobre a literatura em que se indica um caminho para a transformação de leitores em autores, cujo processo envolve a imersão (comer livros, saborear estilos); identificar-se nas histórias (transformar-se em livro), transformar-se no autor (consumir-se, digerir a vida, a relação com a natureza e os outros). Retrata-se o processo de transformação intelectual de leitora em autora, num contexto em que a produção, nos campos da Ciência, da Arte, da Tecnologia e do pensamento ainda é dominada pelos homens. Manuela aprendeu que nos livros ela se construía, mas que, também, poderia escrever e de “existir no mundo” (MALUF, 2013). Concluímos que a literatura se constitui em mediações para a discussão sobre exploração e opressão de gênero.

Palavras-chave: literatura; mulheres; opressão

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo José Duff. *Nossa rua tem um problema*. São Paulo: Somos Educação SA Brasileiro, 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Documento Orientador. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2017. 33p.
- JANH, Livia Petry *A literatura de cordel no século XXI: novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana*. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. 117 p.
- MALUF, Marcelo. *As mil e uma histórias de Manuela*. São Paulo: Autêntica Editora Ltda, 2013.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 52, p. 23-43, abr./jun. 2014.
- SILVESTRE, Penha Lucilda de Souza. Uma leitura da obra *Nossa rua tem um problema*, de Ricardo Azevedo. In: *14 Congresso de Leitura do Brasil*, 2003, Campinas. Disponível em: [http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais14/Sem09/C09051.doc](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem09/C09051.doc) Acesso em: 08 de out de 2019.
- VIANA, Klevisson. *João e o pé de feijão*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha Brasileira, 2017.